

A coleção Teresa Cristina: idealização e falência de um projeto cultural para o Brasil

Evelyne Azevedoⁱ

Resumo: Dentre os objetos perdidos no incêndio do Museu Nacional estava a coleção de arqueologia clássica, que teve a Imperatriz Teresa Cristina como grande mecenas. Estes objetos eram considerados obras de arte legitimadoras da visão de superioridade europeia, cujas raízes remontavam à Antiguidade Clássica. Por isso, a família da Imperatriz foi pioneira no desenvolvimento de uma política cultural na Itália.

Teresa Cristina financiou campanhas arqueológicas, incorporando o material ao acervo do Museu Nacional. Ela desempenhou papel central no esforço imperial em ligar o Brasil ao berço da civilização ocidental e equipará-lo às grandes nações europeias. Entender este projeto nos permite pôr em perspectiva a proporção da destruição deste patrimônio.

Palavras-chave: Teresa Cristina; Coleção Mediterrânea; Arqueologia Clássica

Abstract: Among the losses in the fire at the National Museum is the classical archaeology collection, of which Teresa Cristina was its greatest patron. These objects were regarded as works of art that legitimized the vision of the European superiority, whose roots date back to Classical Antiquity. That is why the Empress' family was pioneer in the development of a cultural policy in Italy.

Teresa Cristina financed archaeological campaigns, incorporating the material found to the collection of the National Museum. She played a central role in the imperial effort to associate Brazil to the cradle of Western civilization and equate it with the great European nations.

Keywords: Teresa Cristina; MediterraneanCollection; ClassicalArchaeology

Para além dos 200 anos de História consumidos pelo fogo no incêndio do Museu Nacional naquele fatídico domingo, outros tantos foram perdidos: séculos da história de Roma, da Grécia, do Egito, e isso sem contar os dinossauros... A dificuldade para estudar suas coleções, a falta de uma catalogação de seus diferentes acervos, a ausência de uma base de dados integrada e online, somadas a uma catástrofe de grandes proporções, tornaram ainda mais urgente o conhecimento daquilo que foi perdido. Mas não foi só o patrimônio que se perdeu naquela noite, assistimos ainda à falência de um projeto cultural para o Brasil, cujas raízes remontavam à fundação do Museu.



A coleção de arqueologia clássica do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, também conhecida como coleção Teresa Cristina, teve na Imperatriz sua grande mecenas. A esposa de D. Pedro II foi a primeira a se incumbir da vinda de material arqueológico da Itália para o Brasil, incorporando ao museu 260 peças vindas de sua terra natal: Nápoles. O material, composto por vasos, vidros, terracotas e afrescos, encontrava-se no Museu Real Bourbonico e foi adquirido por este por meio das inúmeras escavações conduzidas pela família real. Boa parte das peças provinha justamente da cidade de Pompeia, cuja destruição, pelo Vesúvio, tornou-se a grande riqueza da política cultural dos Bourbon de Nápoles.

Em 1843, quando a Princesa de Nápoles, filha de Francisco I e irmã do Rei Ferdinando II, casou-se por procuração com o Imperador do Brasil, quem estava ao seu lado, representando o futuro esposo, era seu outro irmão, Leopoldo, Conde de Siracusa, personalidade ativa na Arqueologia da época. Os Bourbon de Nápoles foram grandes incentivadores da ciência em surgimento. Não à toa, Teresa Cristina, em seu retrato pintado por José Correia de Lima e enviado a D. Pedro II pouco antes do casamento, foi representada à frente do Vesúvio. Ao vir para o Brasil, a então Imperatriz trouxe consigo treze objetos em bronze doados pelo Rei de Nápoles a ela neste mesmo ano, e a partir de 1854 (AVELLA, 2014) iniciou a troca de objetos com ele, que culminou na vinda das peças para o Museu Nacional.

Segundo o documento III C5 35, pertencente ao Museu de Nápoles, em 22 de junho de 1843 o Rei Ferdinando II presenteou a irmã, futura Imperatriz do Brasil, com algumas peças em bronze. Foram selecionados 13 objetos para serem doados a Teresa Cristina (denominada Maria Teresa no documento), os quais seriam previamente restaurados, antes de seguir viagem. Os itens destinados ao Brasil eram: o fuste de um candelabro de pé e seu copo; uma lamparina; uma forma com formato de concha; duas panelas de um cabo; vaso com uma alça, jarro com alça decorada com golfinhos; vaso com alça terminando com uma cabeça; vaso com duas alças decoradas; vaso com alça decorada com cabeça de velho; dois vasos com uma alça cada um e um vaso com alça decorada com uma esfinge. Tratava-se, no

entanto, de um presente diplomático, dado igualmente a outras personalidades como o Rei da Baviera, o Imperador da Rússia e à Rainha de Nápoles, segundo consta no mesmo arquivo.

Foi apenas no ano de 1854 que a Imperatriz deu início aos trâmites que culminaram na vinda das 260 peças provenientes do Real Museu Bourbonico, atual Museu Arqueológico de Nápoles. Segundo o documento III C6 22, de 25 de julho de 1855, foram selecionados sessenta bronzes, trinta vidros antigos, cem terracotas, sessenta vasos gregos pintados e dez pinturas pompeianas. As peças deveriam ser enviadas ao Visconde de Santo Amaro, encarregado do Brasil, que deveria fazer a expedição destas. Em troca, seriam enviados a Nápoles objetos arqueológicos ou etnográficos brasileiros, dos quais não se sabe o paradeiro. Segundo Cordischi, é possível que as peças não tenham sequer chegado a ser enviadas. Dado o progressivo agravamento da situação política em Nápoles e a morte de Ferdinando II em 1859, ainda que elas tenham de fato chegado à Itália, a sua localização é hoje desconhecidaⁱⁱ.

A ação da Imperatriz não se resumiu, no entanto, em estabelecer um intercâmbio cultural com o reino de Nápoles, do qual fez parte o envio de peças brasileiras à sua cidade natal. Sua influência estendeu-se ainda no financiamento de campanhas arqueológicas em suas propriedades na Itália. Delas provinham, sobretudo, o material etrusco que pertencia à coleção. Entre os inúmeros objetos de valor inestimável oriundos das escavações, podemos destacar o busto de Antínoo encontrado em 1878, peça que foi doada pela própria Imperatriz à Academia Imperial de Belas Artes e que hoje se encontra no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. A escultura representa o amante do Imperador romano Adriano (que viveu entre os anos 117 d.C. e 138 d. C.) com características de Baco, divindade de origem grega ligada ao vinho. Segundo os Relatórios Ministeriais sobre a Academia Imperial de Belas Artes dos anos 1880 e 1881:



Dignou-se Sua Majestade a Imperatriz ofertar à Academia um belíssimo busto antigo de mármore de Paros, representando um Antínoo com os atributos de Baco. É o primeiro original de mármore antigo que entra para o estabelecimento, e foi descoberto nas escavações que, por determinação da mesma Augusta Senhora, se estão fazendo em Veio, nas vizinhanças de Roma, em terrenos de sua propriedade (DAZZI e VALLE, 2009).

A coleção do Museu Nacional era composta por 771 objetosⁱⁱⁱ, que eram dispostos em três salas contíguas. Seu conjunto era formado, portanto, por núcleos de diferentes proveniências, ainda não totalmente identificadas. As peças abarcavam as civilizações grega, magno-grega, etrusca e romana, cujo arco cronológico, no entanto, é difícil precisar. A origem das peças também compreende mais de uma possibilidade, podendo proceder do Museu Real de Nápoles, das escavações em Herculano e Pompeia, ou de sua herança: da tia Maria Cristina, ou ainda, das escavações financiadas pela própria Imperatriz. De maneira que 2/3 da coleção podiam ser remontados às campanhas arqueológicas da Imperatriz nas suas propriedades de Vaccareccia e Isola Farnese, localidades próximas de Roma (sendo inclusive de fundamental importância as descobertas da necrópole de Veio). Teresa Cristina recebeu, além de objetos, estas propriedades como parte da herança de sua tia, Maria Cristina Amalia Teresa di Napoli e Sicilia, irmã de Federico II e esposa do Rei Carlos Felix de Saboia, e por isso Rainha de Sardenha e Piemonte. Seu direito às terras foi confirmado em 1850 e, em 1853, ela pode continuar as escavações iniciadas pela tia nestas localidades, que foram conduzidas pelos arqueólogos Luigi Canina e Virginio Vespignani, pai de Francesco Vespignani, que foi procurador da Imperatriz em Roma e o sucedeu nas escavações.

Foram realizadas três campanhas arqueológicas na cidade de Veio financiadas por ela: a primeira em 1853, depois em 1878 e finalmente em 1888-1889, cujos

objetos foram dispersos em várias instituições: Museu Nacional Romano, Museu Etrusco de Villa Giulia, Museu Pigorini, Museu Cívico de Modena e Museu do Louvre (CORDISCHI, 2012). Ainda que saibamos que era vontade do Imperador D. Pedro II que os objetos fossem enviados ao Museu Nacional, no Brasil, segundo carta dele a Pigorini, então diretor do museu que leva hoje o seu nome em Roma, com a morte de D. Pedro os herdeiros decidiram pela doação dos objetos a instituições da Itália, sob a alegação de que esta seria a vontade da Imperatriz. Podemos afirmar, portanto, que existem ao menos dois núcleos distintos em sua coleção: aquele proveniente do Museu de Nápoles e outro proveniente das escavações em Veio. São advindas destas campanhas arqueológicas peças importantes, como a coleção de cabeças votivas e de falos, estes últimos identificados como tendo vindo de Pompeia. Inicialmente, os falos foram associados às escavações pompeianas, uma vez que peças semelhantes podem ser vistas ainda hoje no Museu de Nápoles.

Num primeiro momento, distinguia-se um lote de materiais provenientes do Museu de Nápoles, de composição heterogênea e que compreendia numerosos vasos figurativos, principalmente de produção ocidental. A partir dos objetos expostos na coleção permanente, podia-se concluir que provinham dos depósitos do Museu de Nápoles, de um período em que a instituição não havia ainda adquirido suas grandes coleções vasculares (Collezione Santangelo, Raccolta Cumana, Collezione Stevens) e, por isso, devemos supor que estes sejam fruto das pesquisas caóticas conduzidas nas necrópoles campanas.

Ao grupo campano, juntava-se a coleção de Veio: vasos provenientes de enxovais funerários de períodos diversos, possivelmente, acrescidos de um núcleo votivo que se pode imaginar que seja parte da coleção encontrada ao longo das escavações de Teresa Cristina e conservada, principalmente, na Itália, no Museu Villa Giulia.

Os materiais provenientes do museu napolitano conservavam, em alguns casos, as mais antigas etiquetas inventariais e se podia notar ainda, nos vasos magno gregos,

os diferentes restauros pelos quais passaram, documentando o desenvolvimento das técnicas oitocentistas no momento da exportação dos vasos. Ao núcleo de vasos magno gregos, somava-se um número notável de objetos de clara proveniência pompeiana: vasos de bronze, *instrumentum domesticum* em cerâmica comum e de fogo, vasos de uso doméstico, ânforas de transporte e fragmentos de afresco.

Dois fatos, no entanto, chamam a atenção: o primeiro é que é possível identificar um caráter feminino (vasos de uso doméstico, material de toalete) que confere unidade ao conjunto escolhido para a Imperatriz. Além disso, dadas as inúmeras críticas causadas pelos hábitos eróticos dos habitantes da cidade vesuviana, seria difícil que o encarregado de selecionar as peças escolhesse justamente as mais controversas. Esta hipótese é corroborada pela lista de objetos em terracota, na qual são descritos 100 objetos, dentre os quais muitas lamparinas e utensílios domésticos. O fato de que estes objetos tenham, portanto, sido enviados ao Brasil posteriormente, demonstra o interesse da Imperatriz pelos estudos arqueológicos.

Segundo Sandra Ferreira dos Santos (SANTOS, 2015), duas características desta coleção chamam a atenção. A primeira delas está relacionada às crateras magno-gregas contendo cenas de casamento, e a presença constante de Dioniso nos vasos. Cabe ressaltar que este deus aparece representado em cenas rituais, cotidianas e também em cenas de casamento, o que nos leva a pensar em uma ligação de Dioniso com o matrimônio, na região do sul da Itália. A presença de Dioniso não é recorrente somente nas imagens, mas, como se pode perceber, também na forma dos vasos onde estas cenas aparecem: crateras e cântaros, em especial. Outra questão que chama a atenção é o fato de que as temáticas presentes nos vasos mostram uma forte vinculação com o universo feminino, levando-nos a pensar se os objetos da coleção teriam sido escolhidos em função de serem destinados à Imperatriz, com a intenção de dar um acento feminino à coleção. Além disso, foram selecionados ainda objetos de uso doméstico, reforçando esse caráter.



Os vasos pintados encontrados no sul da Itália formaram a base das primeiras coleções de vasos gregos na Europa, e foram os vasos itálicos que forneceram a primeira imagem da cerâmica e da pintura gregas, graças às descobertas em Vulci (província de Viterbo, a cerca de 120 km de Roma), difundidas, sobretudo, a partir de 1831. A primeira exposição de vasos gregos foi realizada pelo Museu Britânico em 1772, a partir de exemplares da Magna Grécia. As coleções dos museus europeus, portanto, foram construídas a partir dos colecionadores de antiguidades dos séculos XVIII e XIX, que viam estes objetos como obras de arte legitimadoras da superioridade europeia cujas raízes remontavam à Antiguidade Clássica.

Em Nápoles, o material encontrado nos sítios vesuvianos era retirado e levado ao Museu Real, fundado pelos Bourbon de Nápoles em 1777 através da unificação de dois museus pré-existentes, o Museu Farnesino de Capodimonte e o Museu Herculano de Portici, remontando suas origens à primeira metade do século XVIII. Tratava-se de uma instituição composta por várias entidades, cujo propósito era não somente exibir e conservar as coleções reais, mas, sobretudo, gerir o patrimônio artístico e arqueológico do reino das Duas Sicílias (MILANESE, 2013, pp. 13-14).

Entre as suas funções, não estava, contudo, a formação de artistas ou a educação do público; sua existência, nas palavras de Nadia Barrella, constituía uma prestigiosa manifestação de poder (BARRELLA, 2003, p. 16). O museu deveria servir como “instrumento de divulgação do conhecimento da cultura antiga e da história da arte, tornando-se um grande depósito de obras primas antigas até 1863” (SAMPAOLO, 2015, p. 34). Os Bourbon de Nápoles foram pioneiros em termos de uma política cultural na Itália. Iniciada por Carlos III da Espanha, o qual utilizou a Antiguidade como instrumento de propaganda, fazendo circular pelo reino, que incluía a América, gravuras com as recentes descobertas arqueológicas através da Stamperia Reale fundada por ele mesmo. Os objetos arqueológicos eram tidos na época como obras de arte legitimadoras da visão de superioridade europeia, cujas raízes remontavam à Antiguidade Clássica. Segundo as leis napolitanas, todo o



patrimônio arqueológico do Reino das Duas Sicílias pertencia ao Rei. Apesar disso, com a entrada das tropas de Garibaldi em 1861 e o fim da dinastia borbônica, o então rei Francesco II (filho de Ferdinando II) não exerceu seu direito sobre as peças, levando-as consigo para o exílio, mas as destinou a permanecer no museu de Nápoles. Ainda em 1863, Fiorelli assumiu a direção do museu e a ele se deve a reestruturação do acervo segundo critérios histórico-artísticos e cronológicos.

Paralelamente, estes últimos anos foram de grandes perdas para a Imperatriz, que perdeu sua filha Leopoldina e seu irmão Ferdinando II em 1859. Em 1860, morreram também a irmã Maria Carolina Ferdinanda, o cunhado Carlo, Conde de Montemolino e o irmão Leopoldo, Conde de Siracusa. Dados todos estes acontecimentos, em sua visita a Pompeia, da qual possuímos registros fotográficos, a Imperatriz escreveu em seu diário que não restava mais ninguém querido a ela a quem ver em Nápoles. Dom Pedro e Teresa Cristina visitaram as ruínas da antiga cidade em 1888, como se atesta na documentação pertencente ao Arquivo histórico do Museu de Nápoles (Figuras 1 e 2, abaixo).



Teresa Cristina foi considerada a mãe dos brasileiros. O amor cultivado pelo Brasil, no entanto, não enfraqueceu suas raízes italianas, e a Imperatriz manteve um forte contato com sua terra natal. Ela proporcionou a vinda de cantores, pintores, cientistas e naturalistas italianos, para que pudessem desenvolver, trazer e

divulgar o conhecimento para e sobre a sua nova pátria, além de incentivar a ida de artistas brasileiros para a Itália.

A política cultural criada por Carlos III da Espanha estabeleceu raízes sólidas no reino das Duas Sicílias, a ponto de Teresa Cristina buscar nas suas origens uma forma de estabelecer o contato entre seu Império Tropical e a Europa da Antiguidade. Seu interesse pela Arqueologia fazia parte de sua formação e, sobretudo, da cultura oitocentista em que se inseria. Teresa Cristina desempenhou papel central no esforço imperial em ligar o Brasil ao berço da civilização ocidental e equipará-lo às grandes nações europeias.

Referências bibliográficas

AVELLA, A. *Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz nos trópicos 1843 - 1889*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014

BARRELLA, N. *Principi e principi della tutela*. Episodi di storia dela conservazione dei monumeti a Napoli tra Sette e Ottocento. Nápoles: Luciano Editore, 2003

CORDISCHI, L. *Teresa Cristina Maria di Borbone, Imperatrice del Brasile, e l'Archeologia in Italia*. São Paulo: MAE/ USP, 07 de maio de 2012

DAZZI, C., VALLE, A. (org.). Relatórios Ministeriais sobre a Academia das Belas Artes: Período Imperial. 19&20, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/documentos/rlt_mntr.html>

MILANESE, A. "A history of the Real Museo Borbonico". In: RISSER, E.; SAUNDERS, D. (ed.) *The Restoration of Ancient Bronzes: Naples and Beyond*. Los Angeles: J. Paul Getty Museum, 2013

SAMPAOLO, V. "Dall' Herculansense Museum al Museo Archeologico Nazionale di Napoli." In: OSANNA, M.; CARACCILOLO, M. T.; GALLO, L. *Pompei e l'Europa. 1748 - 1943*. Electa: Milão, 2015

SANTOS, S. F. *Espaços femininos na Magna Grécia e Sicília: estudo comparativo da iconografia dos vasos da Coleção Teresa Cristina e de vasos italiotas, siciliotas e áticos dos séculos V-IV a.C.* (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2015

SARIAN, H. *A Coleção de peças arqueológicas clássicas do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Relatório Técnico, 1977

ⁱProfessora do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da UERJ (DTHA/UERJ).

ⁱⁱ Até onde foi possível apurar, o Museo Archeologico Nazionale di Napoli não possui estas peças. Segundo Andrea Milanese, diretor do Arquivo do Museu de Nápoles, elas teriam sido enviadas ao Museu Pigorini, após 1875. Para Donatella Saviola, responsável pelo acervo americano do Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini, no entanto, este possui apenas peças brasileiras provenientes do MAE/ USP, enviadas em 1982. De acordo Valeria Sampaolo, antiga diretora do Museu de Nápoles, existe ainda a possibilidade de que as peças tenham ido para um dos museus da Universidade Federico II.

ⁱⁱⁱ No relatório apresentado pela Profa. Haiganuch Sarian, em 1977, constam 778 objetos. O que se explica, em parte, pelo desaparecimento de três afrescos dos oito vistos por ela (SARIAN, 1977, P. 2).

